

# Sobre os índios Kukura do Rio Verde (Brasil)\*

## *About the Kukura indians of Rio Verde (Brazil)*

Curt Nimuendajú

### Apresentação do tradutor

Peter Schröder

O presente artigo é um dos textos mais curtos e menos conhecidos de Nimuendajú. A despeito disso, não é pouco significativo, porque contém informações valiosas sobre os Ofaié. Ele foi publicado como um comentário sobre um artigo do linguista checo Čestmír Loukotka (1895-1966) no mesmo periódico, onde este tinha aventado uma hipótese, contestada por Nimuendajú, sobre a classificação da língua dos “Kukura”<sup>1</sup>. O texto fornece esclarecimentos importantes sobre a distribuição e dinâmica territorial dos Ofaié no início do século XX, delimitadas pelas frentes colonizadoras. Ao mesmo tempo, ele contém, na parte final, alguns comentários irônicos em forma anedótica sobre a influência de intérpretes no entendimento e na interpretação de informações culturais e linguísticas coletadas em campo. Essas observações de Nimuendajú revelam implicitamente sua ideia da melhor forma de uma pesquisa de campo: contato direto com os nativos, sem intermediação por intérpretes ou outras pessoas, para evitar ‘filtros’ que podem produzir informações distorcidas ou grosseiramente inverídicas. Parece que Loukotka, no entanto, ignorou os comentários de Nimuendajú e continuou a afirmar, em 1939, sua hipótese de o “kukura” ser uma língua isolada<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> LOUKOTKA, Čestmír. Les Indiens Kukura du río Verde, Matto Grosso, Brésil. *Journal de la Société des Américanistas*, v. 23, n. 1, p. 121-125, 1931.

<sup>2</sup> LOUKOTKA, Čestmír. Línguas indígenas do Brasil. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. 54, p. 147-174, 1939.

\* Texto originalmente publicado em alemão, apesar do título em francês, “À propos des Indiens Kukura du Rio Verde (Brésil)”, em *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, v. 24, p. 187-189, 1932. (Disponível em: <[www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jsa\\_0037-9174\\_1932\\_nu\\_m\\_24\\_1\\_1852\\_t1\\_0187\\_0000\\_3](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jsa_0037-9174_1932_nu_m_24_1_1852_t1_0187_0000_3)>. Acesso em: 20 sep. 2012)

Esta é a primeira tradução publicada deste texto de Nimuendajú. Apesar de o acesso a ele ter sido muito facilitado com a digitalização dos volumes antigos do *Journal de la Société des Américanistes*, restou a barreira da língua para a geração atual dos antropólogos brasileiros, ao contrário das gerações de Herbert Baldus, Egon Schaden e Thekla Hartmann.

## Sobre os índios Kukura do rio Verde (Brasil)

No primeiro fascículo do volume XXIII do *Journal de la Société des Américanistes*, Č. Loukotka<sup>3</sup> publicou uma lista de palavras anotada em 1901 por V. Frič<sup>4</sup> na região do rio Verde, pela qual chegou à conclusão de que se tratava de uma nova língua isolada<sup>5</sup>.

Conheço a tribo indígena em questão e sua língua por duas visitas que fiz em 1909 e 1913. Não se trata, de maneira alguma, de uma nova tribo, mas de um bando daqueles Opayé [Ofaié] chamados “Chavantes” pelos brasileiros.

Os limites antigos da maior extensão dessa tribo foram inseridos no “Mappa Ethnographico do Brazil Meridional” (Rev. Mus. Paulista, VIII) elaborado e desenhado por mim (e não por H. v. Ihering, como consta no título)<sup>6</sup>. Na segunda metade do século passado, uma parte da tribo foi exterminada pelos criadores de gado invasores e o resto foi disperso numa série de bandos que parcialmente tinham perdido o contato entre eles. Quando, em 1913, o Serviço de Proteção aos Índios tentou reunir os restos numa reserva na margem esquerda do rio Ivinhema, existiam os bandos seguintes, os quais conheci todos pessoalmente:

1. A parte principal da tribo num canto pantanoso entre o Ivinhema e o Paraná, aos dois lados do Samambaia e ao sul do rio Pardo. Ela consistia em dois bandos com cerca de 100 indivíduos no total. Em 1909, um desses bandos passou para a margem oriental do rio Paraná e lá vivia por algum tempo na área da foz do rio Santo Anastácio, no Estado de São Paulo, e depois voltou para Mato Grosso.

<sup>3</sup> Čestmír Loukotka (1895-1966), linguista checo que ficou conhecido principalmente por seus estudos de classificação das línguas indígenas sul-americanas [nota do tradutor].

<sup>4</sup> Alberto Vojtěch Frič (1882-1944), botânico e etnógrafo checo [nota do tradutor].

<sup>5</sup> LOUKOTKA, Čestmír. Les Indiens Kukura du río Verde, Matto Grosso, Brésil. *Journal de la Société des Américanistas*, v. 23, n. 1, p. 121-125, 1931. Disponível em: <[www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jsa\\_0037-9174\\_1931\\_num\\_23\\_1\\_1087](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jsa_0037-9174_1931_num_23_1_1087)>. Acesso em: 20 out. 2012. [nota do tradutor].

<sup>6</sup> Nimuendajú refere-se a este artigo: IHERING, Hermann von. A questão dos índios no Brazil. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 8, p. 112-140, 1911. Disponível em: <[http://biblio.etnolinguistica.org/local--files/ihering-1911-questao/ihering\\_1911\\_questao.pdf](http://biblio.etnolinguistica.org/local--files/ihering-1911-questao/ihering_1911_questao.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2012. De fato, Nimuendajú é o autor do mapa citado [nota do tradutor].

2. O bando de Vacaria, uns 30 indivíduos, entre Brilhante e Vacaria. Ele foi muito influenciado por mateiros paraguaios de modo que todos os membros falassem, além de sua própria língua, também o Guaraní paraguaio. Seu próprio dialeto acusa algumas diferenças com relação àquele de outros bandos Ofaié. Em 1913 levei-os, com exceção de uma família que ficou, para a reserva no Ivinhema.

3. O bando de Taboco, nos pântanos no curso superior do afluente homônimo do rio Negro (desemboca no Paraguai a jusante de Corumbá). O bando é denominado “Guachy” pelos brasileiros de acordo com outra tribo hoje extinta, a qual antigamente vivia naquela região. Os outros Ofaié, dos quais, ao que parece, já se separaram cedo, chamam-nos Wahéi (= tartarugas). Em 1913, com uns 40 indivíduos, eles também se mudaram para a reserva no Ivinhema, mas logo voltaram ao Taboco, onde hoje em dia ainda é possível encontrá-los. Eles se comunicaram com facilidade com os Ofaié do Ivinhema.

4. O bando do rio Verde, de aproximadamente 40 indivíduos, vagueava, no período de minha primeira visita, da foz do Tietê até o rio Pardo, e tinha contato frequente com os bandos ao sul desse rio, sendo que esse contato foi um pouco interrompido pela construção da estrada ao longo do curso do rio Pardo e pela colonização relacionada com ela, mas ainda continuava em menores proporções em 1913. Sua língua é completamente igual àquela dos dois bandos meridionais. Em 1913, dei início, com os membros desse bando na foz do rio Verde, a uma lista de palavras, a qual, no entanto, não continuei, pois logo me chamou a atenção a concordância completa com o dialeto dos Ofaié do Ivinhema. Além disso, a índia Kitayá, à qual devo mais ou menos um quarto de meu material linguístico, era membro do bando do rio Verde e apenas há pouco tempo tinha mudado deste rio ao Ivinhema, de modo que se encontra em minhas anotações a frase seguinte: “Kitayá veio do rio Verde”. Então não resta nenhuma dúvida de que o bando do rio Verde fala a mesma língua dos outros Ofaié.

Como então surgiu com esse mesmo bando aquela lista de palavras que levou Č. Loukotka a acreditar que se tratava de uma nova tribo diferente dos Ofaié? Duas coisas são possíveis. Primeiro, podiam ter vivido no rio Verde duas tribos das quais uma eram os Ofaié, e a outra falava a língua anotada por V. Frič, e das quais a segunda desapareceu sem deixar vestígios no período entre a visita de Frič e a minha (1901-1909). Contudo as razões contra são que nem a tradição dos brasileiros nem aquela dos próprios Ofaié conhece uma segunda tribo nessa região e que a área é pequena demais para que nela uma tribo pudesse se esconder dos brasileiros e dos Ofaié ao mesmo tempo.

Uma segunda possibilidade, que para mim é muito mais provável, seria que o intérprete de Frič, o “Kainguá” (paraguaio?) Guzmán, simplesmente mentiu na cara do viajante ao afirmar conhecer a língua dos “Chavantes”,

pressupondo que ele ainda não pudesse julgar isso ou que os Ofaié do rio Verde entendessem o Guarani paraguaio tanto quanto aqueles de Vacaria que ele [o intérprete] talvez conhecesse. Tendo chegado ao rio Verde, ele livrou-se dos apuros da melhor forma possível: ele nomeou a metade dos vocábulos perguntados num Guarani mais ou menos mal pronunciado (n. 2-5, 8, 10, 14, 18, 21, 23, 26-30 da lista de palavras) e acrescentou a outra metade simplesmente por fantasiar. Apenas uma única palavra de sua lista parece ser Ofaié autêntico: preto = kaulalo : Ofaié : kaõrá.

Que o intérprete de Frič tinha algum talento imaginativo e, às vezes, estava disposto a piadas de mau gosto também pode ser deduzido das outras informações que ele deu ao viajante sobre os “Chavantes”, por exemplo sobre seus acampamento na estação das chuvas. A declaração de Frič de que ele teria encontrado tais acampamentos a 60 milhas do rio me parece incompreensível justamente pelo fato de que em toda a região não há nenhuma área interfluvial que tivesse, aproximadamente, tal largura.

De fato, não seria a primeira falsificação desse tipo por intérpretes que testemunhei. Em 1911, apresentou-se ao inspetor dos índios de São Paulo um intérprete para o Kaingang que informou, em Guarani, com a maior naturalidade, os vocábulos perguntados por mim. E em 1921, um funcionário do Serviço de Proteção aos Índios encarregado com a vigilância dos Mura Pirahã (região do Madeira) citou uma série de palavras, supostamente da língua dessa tribo, completamente inventadas por ele sem pelo menos prestar atenção para a semelhança fonética.

**Recebido em 21 de outubro de 2012**

**Aprovado para publicação em 21 de novembro de 2012**